



R

B

F

S

A

S

Senhor dos  
escândalos,  
semeador das  
gracias do crime,  
intendente  
de suntuosos  
pecados e  
grandes vícios,  
Satã, é a ti que  
adoramos.



inaction

COLA

COLA

COLA

Soberano  
dos  
desprezos,  
contador das  
humilhações,  
capataz  
dos velhos  
ódios,

só tu  
fertilizas  
o cérebro  
do homem  
que a  
injustiça  
esmagã.



Tu o  
incitas aos  
assassínatos,  
tu lhe dás a  
exuberante  
alegria das  
represálias  
obtidas,

a boa  
ebriedade  
dos suplicios  
consumados,  
dos prantos  
dos quais ele  
é a causa!



Este é um livro sobre o Diabo.

Mas se o nome soa familiar a quase todos os ouvidos, delinear Satã com precisão nos transporta a um nó similar àquele elaborado pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein em torno do universo cromático: “Quando nos indagam o que as palavras ‘vermelho’, ‘amarelo’, ‘azul’ e ‘verde’ significam, sem nenhuma dificuldade apontamos para objetos que têm essas cores. Mas nossa capacidade de explicar o significado dessas palavras não vai além disso”.

Quem é Satã? A personificação do mal? Tal definição, a mais imediata e corriqueira, passa longe de encerrar o assunto. Para começar, porque, salvo alguns poucos infortúnios compartilhados universalmente, como doenças ou desastres naturais, aquilo que é considerado maligno tem origem moral e, como tal, flutua ao sabor das circunstâncias, vestindo e desvestindo trajes dos mais diversos. Fica difícil, portanto, fixar algum traço de identidade sobre substrato tão movediço. Além disso, há quem acredite na existência de um ser de origem mística a orquestrar todas as desgraças que ocorrem no mundo, enquanto outros — hoje em crescente maioria — consideram o Diabo uma mera alegoria inventada por humanos para justificá-las. Mas a simplicidade dessa cisão — partidários de um Satã real *versus* os de Satã como fantasia metafórica — também é aparente e até aqueles que o julgam um conceito abstrato indicam com facilidade qual dos seres representados nas páginas anteriores é o Diabo. Assim, ele brota de crenças religiosas e visões sobre o mal, mas, além de acompanhar as transformações de ambas ao longo do tempo, simultaneamente passa a correr numa raia paralela, desvinculado de sua função primordial.

O Diabo existe? Como fruto de uma longa e complexa tradição, existe. Para alguns na forma de uma temível criatura real, para outros não.



Você me vê,  
por isso  
estou aqui  
por você.  
Vale a pena  
perguntar  
se sou real?

Não é real  
aquilo que  
realmente  
funciona?  
Não é a  
realidade  
experiência e  
sentimento?

Thomas Mann, *Doutor Fausto*



A tradição que deu origem a ele pode até ser longa e complexa, mas o Diabo tal qual hoje o identificamos tem data e local de nascimento bem precisos: é obra da Igreja Católica, na Europa feudal da Alta Idade Média.

Claro que tanto a figura de Satã quanto a igreja erguida em torno de Jesus são anteriores a essa época. E nem um nem outro é europeu de berço. Mas foram necessários mais de cinco séculos após a morte de Cristo para o catolicismo consolidar sua doutrina, assim como foi lento e acidentado o processo deliberativo sobre quais os textos que, uma vez agrupados, passariam a ser considerados como a Bíblia. A exata natureza divina e humana de Cristo, por exemplo, só foi definida no Concílio de Calcedônia, em 451. E, num sermão proferido no ano de 591, foi o papa Gregório I quem pela primeira vez considerou três Marias citadas nos Evangelhos — a devota que visita o túmulo de Cristo, aquela de quem ele expulsa sete demônios e a irmã de Lázaro que unge seus pés; todas sem nenhuma conexão aparente entre si além do nome — como uma só pessoa, criando assim a célebre figura da prostituta arrependida Maria Madalena, que tanto pano pra manga rendeu desde então. Com o Diabo não foi diferente: sua síntese teológica foi cristalizada no período inicial da Idade Média, assim como a paisagem de sua morada — o inferno — e seu próprio nome, pois até então Belial, Belzebu, Mastema ou Azazel, por exemplo, também serviam para designar o ser à frente das forças do mal.

Dali em diante, quanto mais a Igreja Católica expandia seu poder pela Europa, maior era o protagonismo de Satã. Não se conhece nenhuma representação gráfica do Diabo anterior ao século VI — todas as pinturas encontradas das catacumbas romanas o ignoraram solenemente —, mas na virada do primeiro milênio ele só perde em popularidade nos códices e afrescos para Jesus Cristo, seu grande inimigo na guerra cósmica entre o bem e o mal.

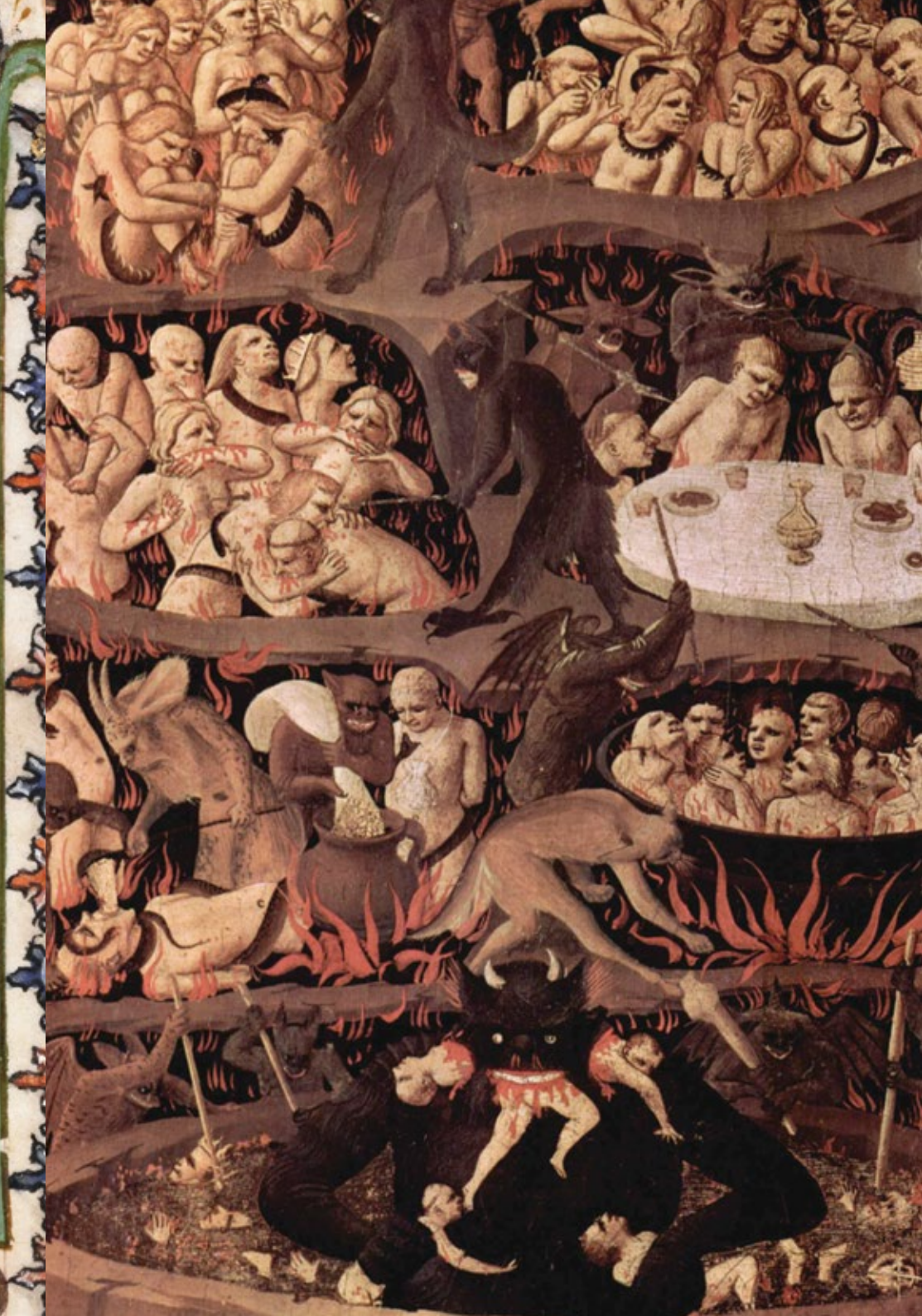
Vale pontuar que o fato de sua consolidação narrativa ter ocorrido durante essa época específica

serve para anular boa parte do conflito, hoje óbvio, entre realidade e fantasia: a mentalidade medieval reconhecía a primeira na segunda, não nas bases científicas e históricas estabelecidas posteriormente. A própria noção do tempo, da duração da vida de um homem frente à amplitude do todo, não era tão clara quanto seria nos séculos seguintes. Nem a separação entre céu e terra. Satã, portanto, se fazia presente de forma real, dentro daquilo que o termo significava na mentalidade do período. Não só presente como ativo, conclamando suas hordas a espalharem sofrimento e morte, instigando cada ser humano a sucumbir ao pecado para, uma vez entregue ao seu domínio, enfrentar um interminável ciclo das mais torturantes punições.

Diante de tão terríveis ameaças, como se salvar? Onde escapar das garras do mal? A Igreja Católica fornecia a resposta: nela mesma. Fica fácil, portanto, divisar um dos grandes motivos pelos quais o Diabo adquiriu tamanho protagonismo durante a Idade Média: encerradas as discussões teológicas dos séculos subsequentes ao nascimento do cristianismo, o clero entrava numa fase mais pragmática de manutenção do poder conquistado. Quanto mais temíveis se mostravam as forças do mal, maior a necessidade de todos se submeterem, sem questionamento, às regras da única instituição que afirmava ser capaz de enfrentá-las. Com isso, a criatura nascida na esfera devocional via sua força amplificada exponencialmente para se tornar também um instrumento de controle.

Mas Satã não poderia ser considerado um personagem universal caso tivesse se restringido a uma só religião, por maior e mais poderosa que tenha sido a Igreja Católica medieval. No entanto, a imposição daquilo que ficou conhecido como “civilização ocidental”, iniciada com a expansão marítima do século XV, e desde então lançando mão das mais diversas modalidades de dominação econômica, do sistema colonial à indústria cultural, para maximizar seu poder, fez com que muitos dos produtos da cultura europeia (como Satã

ou o alfabeto com o qual são escritas estas palavras) passassem a ser considerados e aceitos como universais. E, assim, o Diabo ganhou passe livre para desfilar pelos quatro cantos do globo.



Omne ne in furco

Não é preciso grande perspicácia para se constatar que todas as imagens mostradas até aqui se referem à mesma cena. Um recorte do *Juízo Final*, a triunfante volta de Jesus à Terra para presidir o derradeiro julgamento dos homens (vivos e mortos), quando *aqueles cujos nomes não estiverem no Livro da Vida receberão o castigo eterno, sendo lançados em um lago de fogo e enxofre*. Satã, desnecessário assinalar, faz as vezes de anfitrião aos desafortunados que, a contragosto, são arrastados por dezenas de demônios *para o tormento eterno* e passam a receber cruéis punições, em geral vinculadas aos tipos de pecado cometidos em vida. Enquanto isso, do outro lado, numa fila ordenada e tranquila, caminham *os justos para a vida eterna*.

De grandes proporções e riquíssimas em detalhes, muitas das pinturas do Juízo Final decoravam as igrejas com fins eminentemente didáticos, dentro da célebre premissa católica de que imagens eram a *Bíblia dos iletrados*. Os fiéis olhavam para um lado, encontravam paz e salvação. Viravam o rosto e davam de cara com abomináveis torturas. Quem teria dúvidas sobre qual era o melhor caminho a seguir? Em consonância com essa proposta, a monstruosidade de Satã, bem como a enorme profusão de demônios e punições, funcionavam como marcações literais de alerta: os castigos reservados aos infiéis são muitos. E os piores possíveis.



*Visão completa do Juízo Final, painel executado por Fra Angelico por volta de 1431. Na página anterior, um detalhe ampliado de Satã.*





Chama a atenção como todas as ilustrações do conjunto provêm de um mesmo modelo. No olhar de hoje, seriam classificadas como cópias umas das outras. Mas a questão — moral e legal — de se calcar sem pudor o trabalho dito artístico de outra pessoa surgiu um bom tempo depois dessas imagens, e até mesmo a forma como admiramos a “genialidade” de artistas como Giotto e Fra Angelico é em certa medida recente. Desse modo, o percurso das tradições pictóricas do período pode ser observado de maneira mais clara que, por exemplo, o daquelas que se desenrolam em tempos atuais, nos quais a construção de tais tradições se articula sobre pilares de aparência oposta a tudo o que é arcaico — como originalidade, ruptura e inovação —, dando a falsa impressão de um processo em constante reinvenção, quando ele segue erigindo, tijolo sobre tijolo, uma seleção promovida por agentes específicos.

Ao contrário de Jesus, sempre central na composição, a figura de Satã não é presença garantida nas representações do Juízo Final. Ou melhor: em muitas obras, é impossível discernir, em meio ao bando de demônios, um ser cuja aparência se destaque dos demais, denotando superioridade hierárquica. Isso vale, aliás, para a mais famosa das representações da cena, a executada por Michelangelo na Capela Sistina. E, de qualquer maneira, essa criatura monstruosa devorando pecadores não foi a única tradição pictórica que construiu o Diabo. Pelo contrário.







temptatō xp̄i a dyabolo in tēsto. **M**a  
iustus ward angefochtē vō dem teuffe



a mundus iste. plenus est demonibz. **E**  
em p̄ temptatōnes cecidisse videmz. **C**  
ibi compati debemus. **N**on statim de  
nare vel publicare. **S**ed p̄ posse pecc  
e ⁊ excusare. **S**i aut̄ nō poterimz excu  
ratōz. **S**z excusemus eū put poterimz i





Tripl<sup>e</sup> fuit xps tēptat<sup>9</sup> adyabolo



Cap<sup>o</sup> xiii

Nūcedū cū audiu<sup>9</sup> quō<sup>o</sup> x<sup>o</sup> a ioh<sup>e</sup> fuit baptizat<sup>9</sup>  
Cōt<sup>o</sup> audia<sup>9</sup> quō<sup>o</sup> adyab<sup>o</sup> fuit tēpl<sup>e</sup> tēptat<sup>9</sup>  
In baptisimū duct<sup>9</sup> ē ihs idestū aspi<sup>9</sup>  
pōst ihs itūit idestū expūs s<sup>o</sup> i<sup>9</sup> s<sup>o</sup> i<sup>9</sup> s<sup>o</sup>  
Nō ē sic itelligēdū q<sup>o</sup> duxit eū paerē  
Sic ang<sup>o</sup> abācū p<sup>o</sup>ph<sup>o</sup>az t<sup>o</sup> babilonē  
Sic ē n<sup>o</sup> dyab<sup>o</sup> eū duxit sup<sup>o</sup> templū  
Sicut fanl<sup>9</sup> itelligat<sup>9</sup> videā<sup>9</sup> p<sup>o</sup>replū

Dar



aias  
no<sup>9</sup>  
par  
ua

Nlle fec  
Nā no<sup>9</sup>  
Ita  
Et Cest  
Cruo<sup>9</sup>  
Nō sda  
S<sup>o</sup>  
S<sup>o</sup> ame

manderas tu aurās

De la peine des dampnes au. viii. de saint luc et au vii. de saint mathieu.



Pres q<sup>o</sup> au chapitre deffue aud<sup>o</sup>  
ouy commēt iefucrist monstre se



ne ne confundar qm inuocauite  
abescant impii & deducantur in in  
uita fiant labia dolosa



et locuntur aduer sus iustum iniqu  
in supbia & in abusione  
et magna multitudo dulcedini st  
uam abscondisti timentibus te  
et fecisti eis qui sperant in te









**You lhe dizer  
a sério e  
descaradamente:**

**acredito no  
demônio,  
acredito  
canonicamente,  
no demônio  
em pessoa,  
não na alegoria.**

Dostoiévski, *Os demônios*